



JOÃO E MARIA: QUANDO O NÃO COMER SE TORNA “CURA”

Magnum Marcel Nardoto Machado* (Graduando do curso de Psicologia; Orientando do Laboratório de Pesquisa em Transtornos Alimentares, Obesidade e Saúde Mental – LATOS, da FAE Centro Universitário; Curitiba-PR). Maria do Desterro de Figueiredo** (Professora do Curso de Psicologia e Coordenadora do LATOS; FAE Centro Universitário; Doutoranda em Medicina Interna pela Universidade Federal do Paraná; Curitiba-PR).

Contato: magnum-machado@hotmail.com*

maria.defigueiredo@fae.edu**

Psicologia da Saúde e Hospitalar

Palavras-chave: João e Maria. Não comer. Anorexia. Psicologia Complexa.

Na última década muito se discute sobre comportamento alimentar em sujeitos obesos, uma vez que estes encontram-se na forma contrária ao estereótipo divulgado de “corpo saudável”. Entretanto, quando passamos a analisar um polo diferente, e que por vezes se faz complementar, sendo este o “não comer”, pouco se encontra pesquisado. Assim, o objetivo principal deste trabalho é realizar uma compreensão simbólica, sob uma perspectiva da Psicologia Complexa, do “não comer” por meio do conto João e Maria, o qual foi coletado de uma versão adaptada advinda da tradição oral Europeia e transcrito inicialmente em 1812 pelos Irmãos Jacob e Wilhelm Grimm, considerando neste trabalho a influência do arquétipo da Grande Mãe em um polo negativo no corpo anoréxico.

Diante desta perspectiva, o presente trabalho utiliza-se de uma metodologia desenvolvida por Penna (2005), seguindo os pressupostos de Jung, nomeada processamento simbólico. Para tal compreensão, é necessária atenção para alguns parâmetros: causalidade, finalidade e uma possível sincronicidade que podem aparecer nos fenômenos simbólicos analisados. Deste modo, pesquisador e objeto de pesquisa possuem uma inter-relação, justificando a escolha dos autores pela forma de interpretação do conto de fadas apontado.

Anterior à análise proposta, é essencial realizar uma distinção entre conto de fadas e mitos. Segundo Ávila (2001) nos mitos apresentam-se as origens de como as coisas passaram a existir no mundo, servindo de modelo para significações, atitudes, afetos, comportamentos, compreensões, entre outras coisas. Logo, poderia ser entendido que por meio dos mitos o homem confere significado e relevância à existência. Von Franz (1990) relata que através do material mitológico, poderiam ser



atingidas as bases mais primordiais da psique humana. Já em relação ao conto, Jung descreve: “O conto, sendo um produto espontâneo, ingênuo, irrefletido da alma, só pode expressar aquilo que é próprio da alma.” (JUNG, 2011 d, §432). Von Franz (1990) apresenta o conto de fadas como uma das formas de manifestação dos processos psíquicos do inconsciente coletivo mais puras e singelas, por demonstrarem arquétipos de formas menos complexas, íntegras e claras. Desta forma, os contos possuiriam o papel principal de narrar um fato psíquico, porém, devido a sua complexidade, se fazem necessárias diversas versões ao longo do tempo para que este fato psíquico (Self), até então desconhecido, seja aceito pela consciência e integrado a ela. Jung descreve o Self como Arquétipo da totalidade, da complementariedade:

[...] Expressa a unidade e totalidade da personalidade global [...] Em outras palavras, engloba o experimentável e o não-experimentável [...] Uma vez que, na prática, existem fenômenos da consciência e do inconsciente, o si-mesmo como totalidade psíquica tem aspecto consciente e inconsciente (JUNG, 2011 f, §902).

Ainda, o autor afirma: “Nos mitos e nos contos de fada, como no sonho, a alma fala de si mesma e os arquétipos se revelam em sua combinação natural” (JUNG, 2011 d, §400).

Para posterior compreensão, se faz necessária, também, a análise de alguns conceitos desenvolvidos por Carl Gustav Jung. O autor descreve instinto como uma força estimulante no processo psíquico, que em si mesma não é criativa, mas que originariamente advém de em uma necessidade interior, podendo ser encontrados em comportamentos individuais e de grupos (JUNG, 2011 a). Sendo assim, o instinto possui caráter universal, igual a todos os homens, de origem coletiva e não apresenta ligação com a individualidade humana. Ao pensar na existência destes no homem, os instintos não se expressam somente de forma genuína e unicamente biológica, como nos animais em seu estado primitivo, eles se encontram, portanto, modificados, transformados pela consciência, ou como o autor denomina, psiquificados:

O instinto como fator extrapsíquico desempenharia o papel de mero estímulo. O instinto como fenômeno psíquico seria, pelo contrário, uma assimilação do estímulo a uma estrutura psíquica complexa que eu chamo psiquificação. Assim, o que chamo simplesmente instinto seria um dado já psiquificado de origem extrapsíquica (JUNG, 2011 a, §234).

Jung (2011 a) descreveu cinco principais grupos de fatores instintivos, sendo eles: a fome, a sexualidade, a atividade, a reflexão e a criatividade. Neste contexto, se faz necessária uma atenção especial para o instinto de fome. O qual, o autor refere-se como uma expressão do instinto de autoconservação, sendo um “estado físico de excitação” (JUNG, 2011 a, §236), com consequências psíquicas diversificadas, uma vez que suas expressões podem ser observadas sob um contexto biológico ou metafórico, o que permite realizar um entendimento simbólico da fome.



Por símbolo, devem-se conceber palavras, objetos, imagens que possuem seu significado além do que alcança a mera terminologia. São desta forma, representações que envolvem conteúdos inconscientes, os quais não podem ser captados ou plenamente definidos pela consciência humana, pois uma vez que tentamos compreendê-los por meio da razão, atingimos significados que estão fora de nossa capacidade de apreensão, o que justifica o uso de representações simbólicas ao longo do tempo, estas, são capazes de elucidar conteúdos que em sua maioria apresentam-se limitados pelo repertório comunicativo do homem (JUNG, 2016). No que tange a compreensão de fome enquanto manifestação simbólica, poderia-se vislumbrar representações que transpõem o simples comportamento em prol de uma saciedade unicamente orgânica, o que sugere, desta forma, a concepção de fome como um fenômeno representativo, onde o alimentar-se pode ultrapassar a simples ingestão de alimentos, e o “não comer” passa a ser uma possibilidade de recusa ao que está sendo servido, entre outros significados. “Enquanto um símbolo for vivo, é a melhor expressão de alguma coisa. E só é vivo enquanto cheio de significado” (JUNG, 2011f, §905). Neste trabalho, propõe-se uma compreensão da recusa ao alimento em defesa de uma necessidade interna da psique. Todavia, para refletirmos sobre esta recusa, faz-se necessário entender corpo e psique de forma integrada.

Na concepção da Psicologia Complexa, corpo e psique são indistinguíveis. Jung (2011 a) relata que alma e corpo, psico e soma, fazem parte de uma unidade, onde a alma tem sua existência pertencendo a um corpo. Segundo Nasser (2010) a psique pode ser entendida como receptáculo de todos os pensamentos, sentimentos e comportamentos do sujeito, por ela poderiam ser expressas as faces mais características da personalidade do indivíduo. Ainda, o mesmo autor apresenta a ideia de uma psique composta por diversos graus com atuações interligadas, onde a consciência, mediada pelo Ego que tem como responsabilidade administrar o sentimento de identidade, é a única esfera que reconhecemos devido à forma como é expressa. Nela coexistem quatro funções básicas: o pensamento, o sentimento, a sensação e a intuição. Porém, o que ocorre com os conteúdos que não foram emersos a consciência por algum motivo pelo Ego? Estes conteúdos ficam armazenados no inconsciente pessoal, que pode ser entendido como a instância onde são guardadas todas as vivências não aceitas e conhecidas pelo Ego, seja por terem caídas no esquecimento devido à perda de investimento de energia psíquica, por meio da repressão ou por se tratarem de conteúdos não conhecidos. Existe, também, uma segunda forma de inconsciente: o coletivo. É no inconsciente coletivo que são armazenadas todas as imagens primordiais elaboradas desde o princípio da vida humana, igualmente pertencente a todos os homens ou animais e que serve de estrutura para o psiquismo individual (JUNG, 2011 d).

Destaca-se, portanto, dois novos conceitos: arquétipo e complexo. O arquétipo é referido como fenômeno herdado e pertencente ao inconsciente coletivo, representa uma forma de apreensão dos



conteúdos que ocorre repetidamente e de maneira universal (JUNG, 2011d), em outras palavras, são imagens primordiais que pertencem ao arcabouço histórico da humanidade de ideias, vivências, temas, que são expressas pelos indivíduos por meio das chamadas imagens arquetípicas. Jung (2011d) aponta que todo arquétipo possui um polo positivo e um negativo, ressalta-se neste momento, o arquétipo da Grande Mãe, pelo qual o autor elabora a conceptualização sob duas perspectivas, sendo a primeira: a mãe que gera vida, que é o principio de tudo, a benévola, protetora, que possibilita o alimento e a fertilidade, que concebe a luz. No entanto, existe um segundo polo deste arquétipo, com uma perspectiva negativa, que pode ser compreendida como a mãe que devora, venenosa, que possui aspectos secretos, desconhecidos, sombrios, a mãe do mundo dos mortos, malévola, a bruxa. Já os complexos, pertencentes ao inconsciente pessoal, possuem um núcleo arquetípico e podem ser compreendidos como pedaços psíquicos cuja cisão ocorre devido a “experiências traumáticas ou tendências incompatíveis” (JUNG, 2011a, §253). Assim, poderia-se dizer que todo complexo possui uma determinada autonomia. Silveira (1981) esclarece que os complexos se tornam patológicos quando absorvem muita energia psíquica, porém, em sua estrutura não são patológicos. “A verdade é que não somos nós que temos o complexo, o complexo é que nos tem, que nos possui.” (SILVEIRA, 1981, p. 30). Além do mais, a autora relata que para um melhor desenvolvimento do indivíduo, é necessário apresentar a consciência os complexos que estão atuando inconscientemente, estes, podem ser colocados em categorias distintas e possuem, também, polos positivos e negativos, sendo alguns deles: complexo materno, complexo paterno, complexo de inferioridade, complexo de poder, entre outros. Todo e qualquer complexo tem uma conexão com os arquétipos, o que resulta em uma associação entre as vivências individuais dos sujeitos (inconsciente pessoal) e as experiências genuínas da humanidade (inconsciente coletivo).

Esta forma de compreensão dos fenômenos percorre um sentido contrário ao pensamento cientificista determinista da modernidade, o pensamento dirigido, ou seja, a forma de pensar da consciência, conceitual, voltado para o externo: “[...] trabalha para a comunicação, com elementos linguísticos, é trabalhoso e cansativo [...] produz aquisições novas, adaptação, imita a realidade e procura agir sobre ela.” (JUNG, 2011e, §20). Jung (2011e) o distingue do pensamento-fantasia, este seria, por sua vez, uma forma de pensar metafórica, simbólica e imaginativa, que se expressa por meio dos sonhos, fantasias, intuições, sensações, emoções entre outros sentidos. Sua motivação é subjetiva, não busca determinar teorias ou construções morais: “[...] trabalha sem esforço, por assim dizer espontaneamente, com conteúdos encontrados prontos, e é dirigido por motivos inconscientes [...] afasta-se da realidade, liberta tendências subjetivas e é improdutivo com relação à adaptação.” (JUNG, 2011e, §20). Pode-se interpretar então, que o fenômeno do “não comer” em pacientes com transtornos alimentares, por vezes, não representa exclusivamente a falta do desejo de alimentar-se



fisicamente, mas sim, há uma possível recusa em ingerir o “alimento psíquico” em questão, este, não obstante, seria o que Jung (2011 a) nomeia como instinto psiquificado, ou seja, a possibilidade humana de dar ao instinto outros fins metafóricos, o qual aparece nos sujeitos por meio das representações simbólicas em forma de imagens arquetípicas e constelações de complexo.

O conto escolhido pelos autores narra à história de dois irmãos: Hänsel und Gretel (João e Maria). Moravam em uma cabana muito simples com o pai e a madrasta. A situação financeira da família não estava nada boa. Em vista disso, a madrasta convence o marido que o melhor seria abandonar seus filhos na floresta. E assim foi feito. Os jovens não conseguiam encontrar o caminho de volta para casa, pois os pássaros haviam comido toda trilha de pão deixada por João durante o trajeto de ida. Após tentarem de todas as formas encontrar uma maneira de sair daquela situação, andaram pela mata até avistarem uma cabana feita de doces. Era a casa da bruxa. Em um primeiro momento encontraram aconchego, porém logo se deram conta da realidade. João foi preso em uma gaiola para engordar e posteriormente ser devorado e Maria feita de empregada, obrigada a realizar os serviços domésticos. Todos os dias a bruxa ia checar se João havia alcançado o peso ideal para comer o rapaz, pedindo-lhe seu dedo para verificar a espessura, contudo, João muito astuto, mostrava para a bruxa um ossinho de galinha. A senhora, por não enxergar muito bem, mandava Maria alimentá-lo mais. O tempo passou, a bruxa cansada de esperar resolve comê-lo de qualquer forma e pede para Maria acender o forno. A jovem percebe o que a bruxa estava tramando e ao primeiro sinal de distração empurra à senhora para dentro do fogo. Salva seu irmão, encontram juntos um tesouro escondido na casa da bruxa e voltam para o seu lar. Neste momento da história, a madrasta dos jovens havia morrido. Por fim, desde este dia, o pai e seus filhos vivem na fartura felizes para sempre.

A compreensão simbólica do conto no presente trabalho tange uma análise Junguiana de um corpo anoréxico em direção ao processo de individuação: João representa o arquétipo masculino Animus, que possui como características padrões mais ativos, a agressividade, a força física, separação, busca por conflitos, um pensamento racional, lógico, convicto, competitivo (JUNG, 2011 c). Maria é responsável pela representação do arquétipo feminino Anima, o qual compreende aspectos mais passivos, relacionados aos sentimentos, afetos, as relações, a intuição, ao evitar conflitos, a criação, comunicação, união e alma (JUNG, 2011 c), ambos são arquétipos das relações e pertencentes à personalidade de um mesmo ser expresso em um corpo anoréxico, logo, suas raízes encontram-se no inconsciente coletivo. Já no início da história é apresentado o arquétipo da Grande Mãe em seu polo negativo, personificado, primeiramente, na figura da madrasta. A mulher sugere ao pai das crianças que os abandonem na floresta devido a uma situação de muita pobreza, situação essa arquetípica, podendo ser analisada simbolicamente como primeiro impulso



em direção a um possível processo de individuação. No indivíduo anoréxico, este primeiro impulso se faz necessário, tendo em vista que ser abandonado na “floresta”, sugere-se, por vezes, ser colocado frente ao inconsciente, a partes de si mesmo até então desconhecidas pela consciência, que devem ser unidas pelo indivíduo para realização do seu processo de individuação, porém, para unificar é preciso segregar, compreender a função de cada parte separadamente, para só posteriormente uni-las, tornando-se um todo, um Self:

[...] A identidade infantil representada pelo corpo anoréxico tem que morrer para que nasça um novo corpo, com uma identidade firmada na realidade; um ego próprio, individual, que se alimenta da fonte do Si mesmo e não apenas do coletivo (KLAFFE, 2011, p. 60).

Continuando na história, João e Maria tentam voltar para casa, entretanto, as aves haviam comido toda trilha de pão deixada por João (Animus) ao longo do caminho, os pássaros podem ser interpretados como recursos psíquicos que auxiliariam o indivíduo “para algo”, o que vai de encontro com o que Jung escreve sobre a vida e a função teleológica: “[...] A vida é teleológica par excellence, é a própria persecução de um determinado fim, e o organismo nada mais é do que um sistema de objetivos prefixados que se procura alcançar” (JUNG, 2011a, §798). Sendo assim, todo recurso teria uma finalidade, uma causa. Neste caso, os pássaros comeram a trilha em função de algo, possivelmente, para que o indivíduo tenha que dar continuidade a sua trajetória pela “floresta” adentro, símbolo do inconsciente.

No meio do conto, os jovens encontram uma casa feita de doces, a casa da bruxa (representação, mais uma vez, do arquétipo da Grande Mãe em seu polo negativo), que em um primeiro momento é muito agradável e causa conforto nas crianças, porém, em seguida, se dão conta que se trata de uma emboscada. Pode-se pensar neste contexto que o mais acessível, o que aparenta ser mais fácil, seria uma forma de abortar o processo em sentido da individuação, visto que em muitos casos os indivíduos tendem a ser atraídos por este encantamento inicial. Já sob controle da Bruxa, João é preso em uma gaiola e Maria é feita de empregada, ou seja, o arquétipo do Animus encontra-se preso e a Anima apresenta-se escravizada, fenômeno melhor visualizado em indivíduos anoréxicos com comportamentos maduros, racionais e engenhosos não desenvolvidos e por outro lado submissos frente a seus sentimentos, rituais e afetos. A gaiola, nesta perspectiva, representa o obstáculo que a todos dificulta durante o processo de busca pelo Self, o que explica o fato de João precisar ser preso nesta parte do conto pela bruxa e não Maria, visto que o sujeito que possui seu Animus, responsável pela ordem e razão, “engaiolado”, não demonstra uma posição de questionamento e possivelmente descubra as verdades que habitam a sombra da figura materna, assim, há uma tendência maior à estagnação e ao caos. O que não ocorre no conto, pois a bruxa manda Maria (Anima) alimentar



João (Animus) todos os dias para que o mesmo engorde e ela finalmente possa devorá-lo, porém, ao delegar tal tarefa para Anima, faz com que as funções do arquétipo do Animus fiquem cada vez mais fortalecidas. O que no conto fica claro quando a bruxa pede a João que lhe mostre o dedo para checar se já alcançou o peso ideal, tal como muitas vezes a própria mãe busca saber insaciavelmente se o filho está bem, demonstrando comportamentos superprotetores, “alimentando-lhe” mais que o necessário, “engordando” o filho com conteúdos que não são pertencentes a ele, fazendo do mesmo uma extensão de si própria, desejando inconscientemente devorar sua cria, e João, mais forte e em direção a sua proteção, mostra à senhora, em forma de recusa, um osso de galinha. Nesta atitude se encontra um primeiro movimento anímico em sentido da mudança. O osso, segundo Estes (1994) possui arquetipicamente uma representação de força indestrutível, são geralmente símbolos da alma, o qual pode ser traumatizado, mas é praticamente indestrutível. O corpo anoréxico pode ser compreendido simbolicamente como “um corpo de puro osso”, sendo assim, o indivíduo busca com muito afincado mostrar ao mundo (e principalmente, neste caso, a figura maternal) osso, fundamentando assim, também, comportamentos que resultariam na magreza severa. O indivíduo, no que lhe diz respeito, mostra no corpo sua força indestrutível, sua recusa ao alimento psiquificado que a figura da Grande Mãe em um polo negativo empurra garganta abaixo e seu desejo de autonomia.

Em direção ao final da história, a bruxa cansada de esperar decide comer João, com isso, pode-se compreender a necessidade da figura materna em se “alimentar” de seu filho, desejando inconscientemente que o mesmo volte ao seu ventre e não se desenvolva de maneira autônoma, uma vez que esta atitude poderia ser uma forma de reestabelecer o seu equilíbrio, colocando para dentro de si o que lhe falta, tornando-se então uma totalidade. Por fim, a bruxa pede a Maria para acender o forno, e ao primeiro sinal de distração a menina joga a senhora para dentro do fogo, o que propõe que a capacidade de transgredir as relações pode ser gerada inicialmente pelo feminino pertencente a todos os indivíduos, ao arquétipo da Anima. Este fenômeno é expresso na realidade pelo momento em que o indivíduo anoréxico “queima” seus sintomas, fragilidades e medos, passando a incorporar características anímicas mais engenhosas e objetivas, criando forças para encarar as consequências do seu processo de individuação, os conteúdos que emergiram na consciência, as responsabilidades que compõem o saber sobre si mesmo, o abandono do seu lado infantil, seus privilégios e o laço simbiótico maternal, sendo o fogo representação arquetípica da transformação e do renascimento, neste caso para ambos, indivíduo e mãe.

As crianças, ao final do conto, encontram um tesouro escondido, o que simbolicamente pode representar a incorporação do Self. Voltam para casa e, desde este dia, o pai e seus filhos vivem na fartura felizes para sempre. Neste momento, a bruxa e a madrasta apresentam-se mortas, sendo



então, a afirmação que o polo negativo do arquétipo da Grande Mãe está equilibrado, a mãe que deseja “devorar seu filho” não existe mais e o indivíduo que antes era “alimento”, agora encontra-se diferenciado, com o Self integrado ao Ego em equilíbrio.

Para finalizar, este trabalho não possui a intenção de encerrar a temática, reduzir ou generalizar todos os casos a perspectiva apresentada, sendo esta apenas uma das maneiras de interpretação do conto. É evidente que cada caso vai exigir uma análise única, entretanto, alguns aspectos por se tratarem de questões arquetípicas, são universais. Os sintomas na anorexia podem ser compreendidos simbolicamente enquanto necessidade interna da psique em direção ao caminho para a individuação, ou seja, a “cura”. Jung (2011 a), ao colocar o conceito de teleologia relata que tudo possui um sentido, uma causa, sendo a doença uma forma possível de mensagem do inconsciente ao indivíduo que algo precisa ser melhor observado, analisado, ressignificado e integrado ao sistema Ego-Self. “[...] A pessoa está doente e a doença é uma tentativa da natureza de curá-la” (JUNG, 2011 b, §361). O indivíduo expresso no corpo anoréxico, por não ter consciência do seu desejo de diferenciação da figura materna e da necessidade psíquica pela individuação, busca o domínio de sua vida por meio do controle do que come, propondo então, que o não comer possa ser uma recusa a forma atual de existência, portanto, uma possibilidade de “cura”.

REFERÊNCIAS

- ÁVILA, L. A. *Psicanálise e mitologia grega*. Pulsional Revista de Psicanálise. São Paulo, n. 152/153, p. 7-18, 2001.
- ESTES, C. P. *Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- GRIMM, H.; GRIMM, H. JOÃO E MARIA. *Grimmstories*. Disponível em: <www.grimmstories.com/pt/grimm_contos/pdf/joao_e_maria.pdf>. Acesso em: 14 Ago. 2018.
- JUNG, C. G. et al. *O homem e seus símbolos*. 3 ed. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2016.
- JUNG, C.G. *A natureza da psique*. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 2011 a.
- JUNG, C.G. *Civilização em transição*. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2011 b.
- JUNG, C.G. *O eu e o inconsciente*. 22 ed. Petrópolis: Vozes, 2011 c.
- JUNG, C.G. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 2011 d.
- JUNG, C.G. *Símbolos da transformação*. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 2011 e.
- JUNG, C.G. *Tipos psicológicos*. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2011 f.
- KLAFKE, A. O. M. *Quando a psique ganha corpo: uma compreensão arquetípica dos transtornos alimentares*. 2011. 78f. Monografia - Instituto Junguiano do Rio Grande do Sul (IJRS) e à Associação Junguiana do Brasil (AJB). Porto Alegre, 2011.



- NASSER, Y. B. A. N. *A identidade corpo-psique na psicologia analítica*. Estudo e pesquisa em psicologia - UERJ, Rio de Janeiro, n. 2, p. 325-338, 2010.
- PENNA, E. M. D. *O paradigma Junguiano no contexto da metodologia qualitativa de pesquisa*. Psicologia USP. São Paulo, n. 16, p. 71-94, 2005.
- SILVEIRA, Nise da. *Jung: vida e obra/Nise da Silveira*. 7 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- VON FRANZ, M. L. *A interpretação dos contos de fada*. 3 ed. São Paulo: Paulus, 1990.